

## 4º domingo depois da Epifania

### 1ª leitura (Antigo Testamento) - Deuteronômio 18:15-20

O Livro de Deuteronômio (que significa "Segunda Lei") é uma nova versão da Lei feita após a divisão do Reino de Israel, sob o reinado de Saul, Davi e Salomão, em dois reinos: Israel (no norte) e Judá (no sul). A razão principal da divisão do reino foi a opressão a que tinham sido submetidas as 10 tribos do norte durante o reinado de Salomão (1 Rs 12:4).

No Reino de Israel (norte) se encontram 10 das 12 tribos. A ênfase da sua lei estará na justiça social antes negligenciada pela monarquia de Jerusalém mais interessada no templo e no sacerdócio (Êx 24,12 a 31,18).

Três séculos depois, quando o Reino do Norte já tinha sido destruído pelos Assírios, o rei Josias resgata o Deuteronômio adaptando-o a sua idéia de reforma social, política e religiosa. Parte do Deuteronômio teria sido encontrada dentro de uma parede do Templo de Jerusalém durante uma reforma (2 Rs 22:8-10) e isso teria motivado seu uso pelo Rei Josias. Hoje se entende que Josias teria feito algumas adaptações à lei original assessorado por escribas e sacerdotes de Judá. O resultado foi o chamado Código da Aliança (Dt 12-24) que se encontra no centro do Livro do Deuteronômio e ao qual pertence o texto deste Domingo.

Como distinguir um profeta verdadeiro? (Dt 18:15-20). No Reino do Norte, de forte tradição tribal e anti-opressora, a resposta era que o profeta verdadeiro devia viver "*no meio de ti*", isto é "*no meio do povo*", como um "*de teus irmãos*". Ainda deveria ser semelhante a Moisés ("*semelhante a mim*") sendo um promotor da libertação de pessoas oprimidas! (Dt 18:15). A verdadeira profecia, para as tribos do norte, é a que liberta, a que anuncia a justiça e a felicidade para todo o povo. Da mesma forma Jesus mostra que a autoridade do profeta está na sua capacidade em se colocar do lado das pessoas oprimidas (Marcos 1:21-28).

Na época do Rei Josias, um verdadeiro profeta não poderia falar em nome de "*outros deuses*" e o castigo seria a sua morte (Dt 18:20). Isso autorizava o rei Josias, e seus funcionários, a matar qualquer profeta que, segundo eles, falasse em nome de "*outros deuses*". No entanto enquanto no Reino do Norte se admitia que os santuários estatais de Betel e Dã, onde havia bezerros de ouro, eram dedicados ao SENHOR, para os sacerdotes do Sul estes santuários eram dedicados a "*outros deuses*". Sabe-se que os profetas condenaram igualmente outras divindades usadas para opressão do povo, como o *Baal* da rainha Jezabel (1 Rs 17:20-40) e formas de religiosidade do SENHOR usadas para oprimir o povo ( Mq 3:5-8). Como afirma o apóstolo Paulo uma ênfase exagerada em perseguir "*outros deuses*" pode ser um sinal da imaturidade da fé para a qual só há um Deus, isto é, aquele que não escraviza mas liberta (1 Coríntios 8: 4-6). (HMG)

### 2ª leitura (Epístola) – 1 Coríntios 8.1b-13

A comunidade de Corinto composta de pessoas de procedência diferente sob o ponto de vista social e religioso requer uma orientação pastoral quando as diferenças se transformam em conflitos. A questão gira em torno do

consumo de carne sacrificada aos ídolos. Para uns o consumo não é problema, para outros, porém, é uma questão de consciência.

Consta que, no império romano, o consumo da carne era limitado às classes abastadas. Havia, porém, distribuição de carne nas festas cívicas, nas quais a carne era dedicada aos "deuses" patronos da cidade. Também, as festas promovidas pelas associações eram ocasiões para o "sacrifício" a esses deuses. E a participação nas associações era ocasião de fortalecimento de solidariedade entre os associados e, também, canais para se aproximar dos magistrados municipais e aos níveis superiores, enfim, não era instrumento desprezível para a ascensão social. Há, também, indicação de que os templos tinham salões como acontece com as igrejas em nossos dias, onde se faz festas. Outrossim, as carnes sacrificadas eram vendidas no mercado. (10.27ss - comer de tudo, sem nada perguntar parece ter sentido para os escrupulosos.)

A questão era mais grave para quem havia deixado o paganismo e não estava acostumado a essa prática, ou não tinham uma boa fundamentação teológica, nem o traquejo social, porque eram neófitos e pobres. Como neófitos ainda eram fracos na consciência de que não existem tais deuses e poderes considerados "sagrados" (revestido de poder, ver vs. 7). Por isso, consumir a carne considerada sacrificada ("sagrada") era uma questão de consciência. Por outro lado havia quem não desse importância a isso, com base na premissa de que não há outros deuses e esses poderes, (vs.4-5). Parece que Paulo aprova essa premissa, porém reprova o "conhecimento" de que se gaba. Essa gente não é esclarecida porque não tem amor e consideração pelo outrem pelos que sofrem o problema de consciência. O exercício da liberdade (vs 9 é *exousia*, que pode ser traduzida como direito, capacidade, poder e autoridade) deve levar em consideração a prioridade do amor sobre o direito da gente.

O poder do saber está contrastado com amor e subordinado a este. O amor edifica, e o exercício da liberdade ou direito sem amor destrói o outro. Essa forma de conhecimento - que supõe conhecer Deus, alegação dos "sábios" - apenas afirma que não O conhecem. Vs. 3 Quem ama a Deus é reconhecido como tal, em relação de graça e amor.

Vs.8 - ao não comer não se perde nada, nem ao comer não se ganha nada. É o mesmo raciocínio de Paulo sobre a circuncisão (7.18ss.). Aqui o critério do exercício da liberdade é o próximo, a construção da comunidade e não o tropeço, perda de fé.. Vs.9 - (o termo grego *exousia* é traduzível por capacidade, direito, liberdade e autoridade.). O próximo é por quem Cristo deu sua vida. Assim a questão pastoral tem embasamento teológico, (vs.6). (ST)

## **Santo Evangelho - Marcos 1, 21-28**

Toda sociedade se debate com um sério problema: como discernir entre o que liberta o povo e o que o oprime e aliena? Como ajudar o povo a alcançar a liberdade e livrar a própria consciência da submissão ao sistema opressor? Como desmascarar as ideologias que enganam as massas e encobrem sua verdadeira condição? Como quebrar as cadeias que prendem a maioria ao domínio de alguns? É esse o papel do profetismo.

Jesus entra na Sinagoga. É o edifício simbólico do sistema de Sua sociedade. Aí o povo se reúne, cultua a Deus, e os mestres transmitem os valores e tradições que dirigem a vida das pessoas, e estabelecem as regras de convivência. É o dia sagrado do repouso, celebração da Aliança de Deus. No dia santo, o Santo de Deus penetra no lugar santo. E qual não é a surpresa! "Que temos nós contigo, vieste destruir-nos?" É curioso, o homem possuído pelo espírito fala no plural, em nome de um grupo. A casa de Deus está habitada pelo espírito impuro, degradada pela impureza. Nesse ambiente, Jesus exerce o papel do profeta e o povo reconhece que Sua palavra é nova, cheia de autoridade. Sente que soa diferente do ensinamento dos escribas, intelectuais que só repetem a ideologia do sistema. Com eles, nada muda em sua realidade quotidiana, as pessoas não são libertadas dos poderes estranhos que as possuem e dominam.

"Impureza" era categoria ideológica decisiva para classificar as pessoas e os grupos na pirâmide social. "Impuros" eram os enfermos; impuras eram as mulheres; impuras eram certas profissões; impuros eram certos alimentos; impuros eram os povos estrangeiros; impuras eram as pessoas pobres... Era o jeito cultural de marginalizar as pessoas aplicando-lhes o estigma da inferioridade.

No modo de agir de Jesus, o povo percebia algo inédito. É que seu trabalho de profeta significava romper as barreiras entre "puros" e "impuros" (Mc 2, 15-17), acolher as pessoas e restituir-lhes a dignidade de filho ou filha de Deus (Mc 2,5). Esse trabalho da Palavra (v22.27) equivalia ao que chamamos hoje de "conscientização", livrar as pessoas dos vínculos de submissão ao sistema de "impureza" (marginalização e exclusão).

As enfermidades, especialmente a loucura e fenômenos nervosos ou psíquicos estranhos (epilepsia, esquizofrenia, neuroses, psicoses...) e tudo o que tinha a ver com degradação ou morte era atribuído a Satanás, pois Deus é o "amigo da vida". A fome e a angústia psíquica provocada pelo sistema de "pureza" podem explicar em grande parte a expectativa da multidão em torno de Jesus. Em toda parte se enxergava a atuação de "espíritos impuros". O texto parte de uma narração popular de expulsão de demônio, mas põe no centro o poder da Palavra de Jesus, capaz de restaurar as pessoas em sua integridade, em contraste com a ideologia dos escribas que marginaliza e exclui.

O profeta está em aberto combate com os poderes das trevas (Mc 1, 13; 3, 27), potências misteriosas que dominam e marginalizam o povo, o alienam de sua liberdade. Agora, finalmente, pareciam vencidos, dominados, como animal ferido de morte (v26). Em Jesus, operava o Espírito de Deus (Mt 12, 28).

A profecia de Jesus não era doutrina ou teoria, mas o que a Bíblia chama de "dabar", isto é, palavra que se cumpre na realidade, pensamento ou sentimento que toma corpo em acontecimentos, como se dá com Deus: "Ele diz: Faça-se" e acontece (Gn 1). Amós chegava a "ver" as palavras de Deus. É que eram algo tão concreto que já soavam como realidade (Am 1, 1). No livro de Ageu se diz que "a Palavra de Deus veio pela mão de Ageu", isto é, por sua intervenção na realidade. Dessa mesma maneira, o ensinamento de Jesus não é só discurso, repetição de tradições (Mc 7, 1-23). É uma nova "práxis", isto é, palavra que se cumpre em prática, uma prática que se deixa iluminar pela

palavra, articulação íntima entre teoria e prática. A práxis do Espírito torna possível a vitória sobre os “espíritos impuros”. (SAGS)